



DOSSIE  
INTERSECCIONALIDADES

# ENSAIOS DE GEOGRAFIA

REVISTA

V. 8, JULHO DE 2022

UMA OUTRA VERSÃO  
DA EVOLUÇÃO HUMANA

17

**REVISTA  
ENSAIOS DE  
GEOGRAFIA**

# CAPA

Uma outra versão da evolução humana.

Laleska Freitas

Interseccionalidade: quando eu penso nesse conceito visualmente sempre o entendo como encontro d'água, por isso comecei essa criação com o encontro do rio Negro com o rio Solimões que gera o famoso Amazonas. Esse encontro é o filtro sobre as outras ilustrações que compõe essa arte final.

Outros processos me levaram a encontrar as outras partes do todo. Na busca por uma versão feminina do homem venusiano, a princípio para reconstruir a imagem da perfeição moderna, encontrei a Vênus negra (simbólico?). Frente a essa belíssima Vênus, no entanto, meus planos mudaram e eu comecei a representar os encontros d'água que formam a humanidade. Busquem imagens da evolução humana, da nossa espécie: são sempre homens brancos caminhando em direção ao futuro. Com essa arte que está na capa deste dossiê eu quis mostrar outras facetas da nossa evolução humana, as que tanto contribuíram para que hoje tivéssemos essa composição socioespacial.

Provocando o ocidente, uso de uma imagem de peregrinação pelo deserto fazendo referência aos árabes do Norte da África para tanto significar esse caminhar evolutivo quanto a contribuição árabe aos pilares ocidentais - afinal não teríamos nem registros de muitos filósofos da antiguidade sem a preservação desses conhecimentos por parte dos árabes. Esse elemento da arte também simboliza a contribuição do Oriente ao pensamento ocidental, que não veio porque um ocidental encontrou uma caixa com um Jinn dentro dela e ele não o matou, mas lhe realizou um pedido. Aqui buscamos representar o oriente sem orientalismo (ou colonialismo).

Os povos indígenas foram representados contribuindo também na evolução humana. Uma ilustração do grupo indígena Tupinambá foi utilizada pontuando a minha posicionalidade, já que sou uma carioca, descendente de indígenas do litoral fluminense que falam Tupi, e essas são as únicas informações que eu sei sobre essa parte da minha ancestralidade por conta de séculos de desindinização no Brasil. Mas essa ilustração busca representar todos os povos nativos do mundo, sejam da África, da Oceania ou outro continente, pois eles também contribuíram para a evolução humana.

A mulher negra ao centro, que aparece numa releitura do ideal de beleza ocidental, é tanto um lembrete da ancestralidade mor da humanidade, ligada ao continente africano, como um destaque a contribuição dos povos africanos e da diáspora africana à evolução humana. Apesar de visões coloniais da história limitarem a diáspora africana como descendentes de escravos, não esqueçamos que muitas invenções, conhecimentos que contribuíram com diversas ciências (arquitetura, medicina etc) e mesmo com áreas estéticas vieram de povos africanos, a exemplo do Egito Antigo e das nações que forçadamente migraram para a América e contribuíram para a construção das sociedades que hoje existem nela.

Um parêntese antes de concluir: evolução humana é aqui entendido não como um sinônimo de melhora, como se o que veio antes fosse pior, mas aquilo que com o passar dos tempos foi mais fecundo, e por isso se multiplicou mais vezes e se manteve ao longo do tempo, não sendo necessariamente o mais forte como o darwinismo social preconiza. Evolução relaciona-se muito mais com os Arquétipos da fecundidade e beleza como Oxum e Vênus do que com os Arquétipos aguerridos como Ogum e Marte. E eu digo isso porque, apesar dos pilares modernos quererem objetividade e racionalismo como caminhos para o futuro, a evolução se baseou em sedução e procriação que levam ao predomínio de alguns traços e ideias. Mas não se enganem: há algo de estratégico na sedução, por isso ela agrega tanto o pensar como o sentir.

Em conclusão, essa jornada de criação artística me conduziu a pensar na evolução humana como um excelente exemplo de intersecção. A humanidade é isso, um balaio de tudo e todes, cada elemento do balaio com uma posicionalidade geográfica e histórica, tudo com grande potencial destrutivo e criativo. Uma análise interseccional requer a observação de todos os fatores que contribuem para o fenômeno que dá sentido a pesquisa, pontuando suas posicionalidades e o papel delas na interação desses fatores. É relevante para ciência e particularmente encantador, pois evidencia a multiplicidade de tudo e todes, tal como na criação interseccional da evolução humana eu busquei mostrar a faceta Outra, a que é múltipla e busque o respeito às diferenças.

Colagem digital. 2022.

Laleska Costa de Freitas  
Geógrafa (UERJ). Mestre em Geografia (UFF)  
Contato: laleskacf@gmail.com

# REVISTA ELETRÔNICA

# **ENSAIOS DE GEOGRAFIA**

A Revista Ensaios de Geografia é um periódico científico quadrimestral do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense (PosGeo/UFF). O acesso ao seu conteúdo é livre e sua publicação se dá exclusivamente no meio digital. A revista tem como principal objetivo divulgar pesquisas dos estudantes de graduação e pós-graduação vinculadas à geografia e áreas afins, bem como ser um espaço de formação acadêmica e profissional, ao contar com a participação de estudantes nos processos editoriais.

Nesse sentido, busca-se divulgar a produção de artigos que contenham resultados empíricos relevantes e revisões teórico-conceituais que contribuam para o processo de ensino-aprendizagem, fundamental ao desenvolvimento do pensamento geográfico. Além disso, propõe-se publicitar produções artísticas como fotografias, poesias, desenhos e similares, desde que estabeleçam um diálogo com a referida área de conhecimento.

São aceitas contribuições nos seguintes idiomas: português, inglês e espanhol.

O conteúdo dos trabalhos é de inteira responsabilidade dos autores.

A revista não cobra nenhum tipo de encargo dos autores ou leitores.

# EQUIPE EDITORIAL

## CONTATO

Comitê Editorial da Revista Ensaios de Geografia

Endereço: Avenida Milton Tavares de Souza, S/N - Gragoatá,  
Niterói-RJ.

Instituto de Geociências - Departamento de Geografia, CampusPraia  
Vermelha. Universidade Federal Fluminense - UFF.

Telefone: (021) 2629-5953

E-mail: revistaensaiosdegeografia@gmail.com

Instagram: @ensaios\_de\_geografia

Facebook: <https://www.facebook.com/revistaensaiosdegeografia/>

## **EDITORES-CHEFE**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Claudia Carvalho Giordani (UFF)

Prof. Dr. Daniel Pereira Rosa (UFF)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Flávia Elaine da Silva Martins (UFF)

## **ORGANIZADORES**

Prof.<sup>a</sup>. Ma. Aline Rozenthal de Souza Cruz (POSGEO/UFF e IFSULDEMINAS)

Prof.<sup>a</sup>. Ma. Ana Beatriz da Silva (POSGEO/UFF)

Prof. Dr.<sup>a</sup>. Ana Claudia Giordani (POSGEO/UFF)

Prof.<sup>a</sup>. Ma. Claudia Rakel Pena Pereira (POSGEO/UFF)

Prof. Guido Assis (PPGGEO/UERJ-FFP)

Prof. Dr. Ivaldo Lima (POSGEO/UFF)

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Joseli Maria Silva (PPGGEO/UEPG)

Lai Bronzi Rocha (UFF)

Prof.<sup>a</sup>. Ma. Monique Bonifácio (POSGEO/UFF)

## **EDITORES EXECUTIVOS**

Guido Cruz de Assis (UERJ-FFP)

Lai Bronzi Rocha (UFF)

Mateus de Novaes Maia (UFF)

Yago Evangelista Tavares de Souza (UFMG)

## **EDITORES ASSISTENTES**

Lucas Nascimento de Mattos (UFF)

Pedro Henrique Pereira Leite dos Santos (UFF)

## **ESTAGIÁRIOS**

Caio Oliveira Portella (UFF)

Felipe da Costa Brito (UFF)

Juliana Cardoso Leite (UFF)

Laura Lovatte Macedo (UFF)

## **CONSELHO CIENTÍFICO**

Prof. Dr. Diego Carlos Pereira (UFF)

Prof. Dr. Flamarion Dutra Alves (UNIFAL)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosemary Vieira (UFF)

## **CONSELHO EDITORIAL**

Antônio Carlos Queiroz do Ó Filho (UFES)

Débora Schardosin Ferreira (UERJ)

Diego Cervantes Ruiz (UAM, México)

Élida Pasini Tonetto (UFRGS)

Evânio Branquinho (UNIFAL)

Flávia Mattos (UFRJ)

Iany Elizabeth Da Costa (UFF)

Ilaina Damasceno (UERJ)

Lucas Tavares Honorato (UFF)

Luis Villacis Taco (UEA, Equador)

Maira Magnani Asencio (UFF)

Maria Adailza Martins de Albuquerque (UFPB)

Tatiana dos Santos Malheiros (UNIR)



# EDITORIAL

**v. 8, n. 17, jul. 2022**

A interseccionalidade é um termo academicamente cunhado pela jurista afro-estadunidense Kimberlé Crenshaw em meados dos anos 1990. A jurista elabora a partir da metáfora da intersecção analisando um caso de 1978, em um processo movido por cinco mulheres negras contra a produtora de carros General Motors. Neste caso, essas cinco mulheres negras apontavam que a empresa agia de forma discriminatória seus funcionários na contratação, uma discriminação que unitizava gênero e raça. O tribunal na avaliação do caso alegava que a empresa não poderia ser enquadrada numa prática de discriminação racial, pois existiriam negros (homens) trabalhando na empresa, e não poderia ser encaixada na discriminação de gênero, pois existiriam mulheres (brancas) no quadro de funcionárias. Durante esses estudos, com foco no Direito e justiça social, a jurista Kimberlé Crenshaw “utilizou pela primeira vez o termo interseccionalidade para explicar à relação hierárquica existente entre os próprios segmentos minoritários” (HEMERLY, 2018, s.p.).

Nos movimentos de mulheres negras, no seio do feminismo negro, já há muito se discutia para interseccionalizar raça, gênero e classe para compreender a posição que ocupavam as mulheres negras. Por exemplo, a brasileira Lélia Gonzalez, propondo uma visão afro-latino-americana do feminismo, discutia de forma interseccional para elaborar sobre a vivência da mulher negra e do povo negro. A contribuição de Lélia para a análise do contexto brasileiro transgride as disciplinas, ela que era formada em História e Geografia e também em Filosofia, seu trabalho faz um rasgo nas até então análises da formação da sociedade brasileira.

A maré alta da onda conservadora nos países latino-americanos que se sucede como resposta a uma guinada a governos progressistas nos pós-ditaduras, desde 2010, tenta minar as existências plenas de sujeitos múltiplos. “A casa grande surta quando a senzala aprende a ler!” Essa frase tão forte do movimento negro denuncia não só uma produção do conhecimento ‘institucionais’ dominada por sujeitos brancos, supostamente um conhecimento neutro de um sujeito neutro, mas também

revela como essa onda conservadora se incomoda com as conquistas dos movimentos em prol de justiça social, como as políticas de cotas, interiorização das universidades públicas, aumento de ingressos e assistência a outros projetos de mundo.

Na expectativa de organizar um dossiê sobre interseccionalidades, o corpo editorial da revista *Ensaio de Geografia* ousou dar visibilidade para a complexidade das experiências espaciais vivenciadas por grupos de pessoas submetidas a regimes de opressão decorrentes de diferentes marcadores sociais que se entrecruzam, tais como: raça, gênero, etnia, religião, sexualidade, idade, renda, situação de saúde, capacidades físicas e condição espacial dentre outros.

Assim, mobilizamos questões tais: como os diferentes espaços implicam experiências das interseccionalidades? Como ocorrem as relações de tempo, espaço e corpos que experienciam distintas interseccionalidades? Como os espaços condicionam tensionamentos das diferentes experiências interseccionais? Como as interseccionalidades desafiam a simplificação das relações entre espaço e grupos sociais? Como a noção de interseccionalidade contribui para a complexificação das análises geográficas? Como definir metodologias capazes de operacionalizar as relações entre espaço e interseccionalidades? Quais práticas/práxis espaciais estabelecem, dialogam e coadunam com as interseccionalidades vivenciadas por sujeitos corporificados?

Segue uma apresentação das produções que compõem esse dossiê especial da *Ensaio de Geografia*, entre artigos científicos, crônicas e poesia. Os temas para que se voltaram os trabalhos desde uma revisita às teorias da Geografia e suas bases epistemológicas, a produção do espaço e territorialidades, o ensino de Geografia e os currículos, o corpo que ganha novos contornos dentro desse campo científico.

O artigo que abre a edição, “Geografia da população e a prática de ensino: a proposta de uma cartilha sob o viés da diversidade sexual”, tem autoria de Dayana Debossan Coelho e Lilian Aparecida de Souza, e versa sobre as reverberações da disciplina Prática de Ensino do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Aborda as opressões no espaço escolar e propõe a cartilha *Antibullying* para discentes do Ensino Fundamental II. Destaca a importância do alargamento do currículo dos cursos de formação docente para as abordagens sobre as questões de gênero e a diversidade sexual.

O segundo artigo deste dossiê, “Territorialidades LGBTQIA+ em uma escola: invisibilidades e estratégias de resistência a partir do ensino de Geografia”, discute a imposição de padrões socioculturais heteronormativos no ambiente escolar, de modo a questionar, pela interpretação das práticas cotidianas dos sujeitos marginalizados, as atuais políticas educacionais. Os autores, Edjango Lima Freitas e Pablo Sebastian Moreira Fernandez, visam, assim, contribuir para a construção de saberes geográficos plurais e estabelecer a escola como um lugar de potência.

O texto “Territorialização Underground na MetrÓpole: uma análise espaço-temporal dos territÓrios da cultura Hip-Hop em Belo Horizonte entre os anos de 1990-2009”, de autoria de Glaycon de Souza Andrade e Silva, analisa as territorialidades dos grupos de hip-hop da capital mineira através de suas articulações pela ocupação dos espaços da cidade, sobretudo na periferia, mantendo o vínculo com suas origens, mas também na participação em territÓrios centrais, públicos ou não, reafirmando que este segmento cultural busca fomentar a formação educacional, política e artística de seus membros a fim de garantir justiça, igualdade, paz e conhecimento sob uma perspectiva contra-hegemônica de produção de cultura e socialização.

O artigo “Apontamos para Geografias Interseccionais: anarco (trans) feminismo, corpo e corporeidade em uma perspectiva decolonial” de autoria de Laís Bronzi Rocha, propõe apreender nas teorizações anarco(trans)feministas outros/as matizes da interseccionalidade que sirvam para elaborar geografias críticas, decoloniais e feministas. É entendido como fundamental construir uma base teórico-anarquista, e comprometidas com autorias anarco (trans) feministas sobre a interseccionalidade; destacando o corpo e a corporeidade como categoria geográfica priorizada, indicando, portanto, o incrementar e o revelar de novos lugares a ser desvelado pelo texto.

O artigo “Imbricaciones entre memoria, género, paisaje y colonialidad. Violencias y resistencias en la configuración histórica de una ciudad del norte de Chile” de autoria de Leyla Carolina Méndez Caro, propõe possíveis articulações entre a memória social e teoria feminista. A autora objetiva analisar os conceitos de memória, gênero e paisagem através da problematização das construções históricas dominantes, referentes a nação, cidade e espaço público em diálogo como uma Geografia Feminista. O artigo não busca fazer um levantamento teórico sobre interseccionalidade, mas sim, propor aplicações desta para os campos da geografia,

da história e da psicologia social.

No sexto artigo deste dossiê, escrito pelos professores Douglas Basílio e Tiago Dionísio, intitulado “Educação de jovens e adultos trabalhadores e relações étnico-raciais e ensino de Geografia: que espaço essa tríade ocupa nos periódicos da área de geografia?”, é apresentado um amplo levantamento e análises das pesquisas sobre educação de jovens e adultos trabalhadores, questão racial e ensino de geografia a partir de dois periódicos científicos nacionais consolidados nas áreas da geografia e da educação. Os autores revelam como as temáticas referentes a sujeitos invisibilizados ao longo do tempo ainda são negligenciadas no campo da pesquisa científica.

O artigo “Do Corpo-espaço ao Corpo-território: O que a Geografia Feminista tem a dizer?”, de autoria de Victoria Ferreira Oliva, argumenta sobre a possibilidade de atualização, ou melhor, de renovação de conceitos e categorias chaves para a geografia por meio de uma perspectiva que não seja somente feminista, mas também descolonial. Com esse intuito, o texto se propõe a percurso partindo da crítica feminista, à criação de um conhecimento não situado e universal, abarcando a discussão de corpo-espaço e o “giro descolonial” como uma proposta coletiva entre corpo-território condecorando o feminismo de base comunitária.

O último artigo “Por uma formação queer-geográfica: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG” de Victor Dantas Siqueira Pequeno e Ana Paula Camilo Pereira discute sobre as possibilidades de queerizar o currículo dos cursos de Geografia, através de um caso específico da formação dos bacharelados e licenciados em Geografia pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

No dossiê também constam três leituras, que olham para o urbano, os corpos e os sujeitos de forma sensível. Através de sua carga subjetiva, nos dão outros olhares para capturar as geograficidades do meio, da vida.

Bruna Machado da Rocha dedica a poesia “Grandes Curvas”. Ela fala de uma forma poética e sutilmente geografizada sobre os relevos do corpo de uma mulher negra que é ela, a eu-lírico.

A crônica “Toda quarta-feira tem: capoeira de rua e a certeza do encontro” é assinada pelas integrantes do Núcleo Etnografias Urbanas do Programa de Educação

Tutorial (PET) Geografia da Universidade Federal Fluminense Luiza Portella, Victoria Ferreira Oliva e Manuela Phebo Torres. Nessa prosa, elas tratam dos sujeitos que vivem na cidade e que não tem a certeza de que terão o que comer, sendo a sua única certeza a de que toda quarta-feira tem capoeira na praça. Elas apresentam em prosa a produção do espaço urbano pelos sujeitos marginalizados a partir de um potente projeto de aulas de capoeira para população em situação de rua, que acontece em uma praça no bairro de Laranjeiras do Rio de Janeiro.

Em forma de crônica, “Os nós da cidade criança”, de Tainá dos Santos Oliveira, se ambienta em três situações cotidianas distintas. As ações da eu-lírica nos levam a experienciar junto à autora o confronto habitual de uma pessoa adulta pela ferocidade e exigências das crianças. “Aqui” viajamos por entre saberes e espaços-tempos.

Agradecemos aos autores e avaliadores a confiança e apoio depositados em nosso trabalho, fruto da dedicação de alunos e professores empenhados em tornar mais acessível a produção e a divulgação do conhecimento. Isso posto, é com grande satisfação que convidamos a todos interessados em olhar o mundo a partir das minorias e das relações de poder, a ler os instigantes artigos e leituras que compõem este dossiê intitulado: *Interseccionalidades: entre saberes e espaços*.

Ma. Aline Rozenthal de Souza Cruz (POSGEO/UFF e IFSULDEMINAS)

Ma. Ana Beatriz da Silva (POSGEO/UFF)

Dr<sup>a</sup>. Ana Claudia Giordani (UFF)

Ma. Claudia Rakel Pena Pereira (POSGEO/UFF)

Guido Assis (PPGGEO/UERJ-FFP)

Dr. Ivaldo Lima (UFF)

Dr<sup>a</sup>. Joseli Maria Silva (UEPG)

Lai Bronzi Rocha (UFF)

Ma. Monique Bonifácio (POSGEO/UFF)

**Organizadoras e organizadores**

### **Referências bibliográficas**

HEMERLY, Giovanna. Entre gênero, raça e classe. Ciência e Cultura - Agência de Notícias em CT&I da Bahia, 2018. Disponível em: <http://www.cienciaecultura.ufba.br/agenciadenoticias/noticias/entre-genero-raca-e-classe/> Acesso em 29 de julho de 2022

MERCIER, Daniela. Lélia Gonzalez, onipresente. El País Brasil, 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-25/lelia-gonzalez-onipresente.html> Acesso em 29 de julho de 2022.

# SUMÁRIO

## ARTIGOS

### GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO E PRÁTICA DE ENSINO:

a proposta de uma cartilha sob o viés da diversidade sexual

Dayana Debossan Coelho Coelho e Lilian Aparecida de Souza ..... p. 15 - 38

### TERRITORIALIDADES LGBTQIA+ EM UMA ESCOLA:

invisibilidades e estratégias de resistência a partir do ensino de Geografia

Edjango Lima Freitas e Pablo Sebastian Moreira Fernandez..... p. 39 - 58

### TERRITORIALIZAÇÃO *UNDERGROUND* NA METRÓPOLE:

uma análise espaço-temporal dos territórios da cultura Hip-Hop em Belo

Horizonte entre os anos de 1990-2009s

Glaycon de Souza Andrade e Silva Silva..... p. 59 - 79

### APONTAMOS PARA GEOGRAFIAS INTERSECCIONAIS:

anarco(trans)feminismo, corpo e corporeidade em uma perspectiva decolonial

Lai Bronzi Rocha..... p. 80 - 97

### IMBRICACIONES ENTRE MEMORIA, GÉNERO, PAISAJE Y COLONIALIDAD.

violencias y resistencias en la configuración histórica de una ciudad del norte de Chile

Leyla Carolina Méndez Caro..... p. 98 - 120

EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS TRABALHADORES E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E ENSINO DE GEOGRAFIA:  
que espaço essa tríade ocupa nos periódicos da área de geografia?  
Douglas Basílio da Silva e Tiago Dionisio Silva..... p. 121 – 138

DO CORPO-ESPAÇO AO CORPO-TERRITÓRIO:  
o que a Geografia Feminista tem a dizer?  
Victoria Ferreira Oliva..... p. 139 - 157

POR UMA FORMAÇÃO QUEER-GEOGRÁFICA:  
posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG  
Vitor Pequeno e Ana Paulo Camilo..... p. 158 - 178

## **LEITURAS**

GRANDES CURVAS  
Bruna Machado da Rocha..... p. 179 – 180

TODA QUARTA-FEIRA TEM:  
capoeira de rua e a certeza do encontro  
Luiza Portella, Victoria Ferreira Oliva e Manuela Phebo Torres..... p. 181 – 184

OS NÓS DA CIDADE CRIANÇA  
Tainá dos Santos Oliveira..... p. 185 – 189